

Economia ingressa em ciclo sustentável

Famílias consomem mais, empresas investem e cresce a poupança interna

SABRINA LORENZI
RIO

As bases do crescimento de 5,4% do Produto Interno Bruto (PIB) no ano passado mostram finalmente um ciclo sustentável da economia brasileira. O conjunto de riquezas do País somou R\$ 2,6 trilhões em 2007, com uma taxa inesperada de 6,2% no último trimestre. Além de famílias consumindo e empresas investindo em níveis recordes, a poupança cresceu e os estoques despencaram. Sinalizadores de como seguirá a produção em 2008, os estoques encolheram cerca de três vezes mais no último trimestre do que no mesmo período do ano anterior. E quanto menos produtos estocados, maior a necessidade de se produzir mais, e de crescer também.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que divulgou o PIB ontem, a variação de estoques ficou negativa em R\$ 11,7 bilhões no último trimestre. No mesmo período do ano anterior, o desfalcque nos produtos e insumos estocados somava R\$ 3,8 bilhões, também em valores nominais. Neste mesmo período, houve uma alta de preços desses produtos da ordem de 4%, segundo a média dos deflatores usados pelo IBGE para calcular o PIB.

A diferença dos estoques de um ano para outro sinaliza um aquecimento maior e evidencia a necessidade de aumentar produ-

ção e capacidade instalada, como confirmam IBGE e economistas. Mas, segundo a coordenadora de Contas Trimestrais do IBGE, Rebeca Palis, boa parte dos produtos na lista de estocados do IBGE reflete o desempenho da agropecuária, que costuma mesmo 'desestocar' no final do ano. Movimento mais forte que este nos estoques foi registrado apenas em 2002, mas quando o País ainda não crescia tão ancorado no consumo interno.

Consumo das famílias

O consumo das famílias disparou 6,5% no ano passado, enquanto a Formação Bruta de Capital Fixo, que mede investimentos, saltou 13,5%. São as maiores taxas desde o começo da série do

RIQUEZA TOTAL SOMOU
2,6
trilhões de reais no ano passado

IBGE, iniciada em 2000. "O mercado doméstico é que puxou a economia e provavelmente de uma forma como não havia ocorrido

antes", analisou Rebeca.

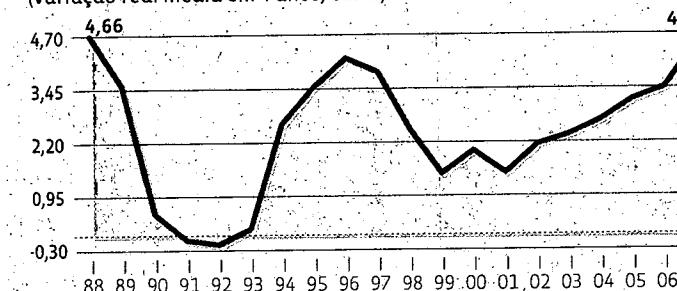
O dólar fraco contribuiu para fortalecer a demanda, segundo Rebeca, porque as famílias e as empresas se beneficiaram das importações para adquirir bens e máquinas. A economista listou também entre as razões que fizeram "bombar" a demanda doméstica: o aumento da massa salarial de 3,6%, o crescimento de 28,8% do crédito para pessoas físicas e de 27,1% para empresas.

"Qualidade de crescimento"

O coordenador de Contas Nacionais do IBGE, Roberto Olinto, disse que a combinação de investimentos e consumo está sendo fundamental para determinar

MELHOR MÉDIA EM 20 ANOS

Produto Interno Bruto
(variação real média em 4 anos, em %)



Fontes: IBGE e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

"uma qualidade de crescimento importante" da economia. E minimizou as críticas de analistas de que, para crescer mais a taxa de investimento deve ser maior.

"São regras de bolso. Tem gente que diz que a taxa de investimento tem que ser de 20%, ou de 25%, cada um tem a sua visão. O fato é que essas regras de bolso saem de discussões teóricas, sem olhar a qualidade do investimento", comentou Olinto ao ser indagado sobre o assunto.

No ano passado, os investimentos equivaleram a 17,6% do PIB, mais que a taxa de 16,5% de 2006. Também é a maior da série histórica do IBGE, já que a metodologia vigente aplicada ao PIB no ano passado aumentou consideravelmente o tamanho do Produto e reduziu proporcionalmente, por consequência, a taxa de investimento. Mesmo assim, as mesmas análises de que a taxa de investimento deve ser de um quarto do PIB continuam, sem uma revisão de igual proporção.

Taxa de investimento

"O que está ocorrendo nos últimos anos, que mostra um padrão importante de crescimento do PIB, é o aumento da taxa de investimento, que significa que

crescimento de 2007 e de 2004. Apesar de maior (5,7%), o crescimento de 2004 era mais frágil, pois dependia das exportações e das condições do mercado externo. Agora, observa Olinto, "não houve crescimento baseado apenas nas exportações, há um mercado interno sendo fortalecido e com investimento forte".

Do aumento de 5,4% do PIB, a demanda interna contribuiu com 6,9 pontos percentuais. Ou seja, se não fosse o impacto negativo da demanda externa (-1,4 ponto), o aumento do PIB teria sido de quase 7%.

Contas externas

Tanto crescimento, entretanto, tirou o Brasil do azul nas contas externas. Depois de registrar capacidade de financiamento por quatro anos consecutivos, o País voltou a ter necessidade de se financiar com o resto do mundo. Isso porque o

consumo e o investimento cresceram mais do que a renda disponível bruta. E o saldo comercial, ainda que positivo, não compensou a diferença.

O saldo externo continua positivo, de R\$ 39,1 bilhões, apesar da expansão mais acelerada das exportações em relação às importações. A renda líquida enviada ao resto do mundo diminuiu também, segundo a pesquisadora Cláudia Dionísio, principalmente porque houve aumento dos lucros e dividendos remetidos pelas multinacionais instaladas no Brasil para suas matrizes no exterior. Em compensação, a redução de dívidas fez com que o País enviasse menos dinheiro ao resto do mundo por causa do pagamento de juros menores.

Como o País poupou também, além de gastar mais, ficou no vermelho, mas em apenas R\$ 4,5 bilhões. A poupança, muito maior, ficou em R\$ 453 bilhões.